

A CRIANÇA TERENA: UM OLHAR PARA A INFÂNCIA, O BRINCAR E OS SENTIDOS DO APRENDER INDÍGENA

Marta Regina Brostolin (UCDB)

Evelyn Aline da Costa de Oliveira (UCDB)

RESUMO: O presente trabalho teve por objetivo investigar a criança Terena, os sentidos do aprender indígena por meio do brincar e da relação com os adultos, cultura e comunidade. O foco da pesquisa centrou-se na Aldeia Buriti, localizada no município de Dois Irmãos do Buriti, no Estado de Mato Grosso do Sul. Sendo um estudo etnográfico, a pesquisa oportunizou conhecer a história do povo Terena, seu modo de viver em comunidade, em família, a educação das crianças, a relação destas com os pares, os adultos, a cultura, o ambiente, as brincadeiras, enfim, suas aprendizagens a partir das experiências, do sentir, do observar e do praticar que contribuem para a construção da identidade na infância, já que o sentimento de ser índio é construído a partir das vivências sociais. Para este trabalho, foram entrevistados pais, avós, crianças e acadêmicos indígenas que moram na Aldeia Buriti e contribuíram com suas memórias da infância. Também foi realizada uma oficina de desenho livre, com o intuito de perceber a representação do brincar para a criança Terena. Os resultados evidenciam o orgulho que as crianças têm de ser índio e de participar ativamente de todos os acontecimentos importantes e marcantes para a Aldeia, desde uma brincadeira compartilhada com outras crianças às festas que envolvem toda a comunidade. A tranquilidade e o respeito que a família tem em relação ao tempo de aprendizagem da criança é essencial para a formação do caráter e a construção do ethos Terena.

Palavras-chave: Criança Terena. Infância. Brincadeira e Aprendizagem.

TERENA CHILD: A GLANCE TO CHILDHOOD, PLAY AND SENSES OF NATIVE LEARNING

ABSTRACT: The present study had as objective to investigate the Terena child, the senses of the native learning through playing and relationship with adults, culture and community. The focus of the survey was centralized in the Aldeia Buriti, located in the city of Dois Irmãos do Buriti, in the State of Mato Grosso do Sul. As this was an ethnographic study, the survey offered the opportunity to know the history of the Terena people, their way of living in community, in family, education of children, their relationship with the pairs, the adults, the culture, the environment, the games, their learning based on experiences, sensing, observation and practice that contribute to construction of identity in childhood, as the feeling of being an Indian is constructed based on social experiences. For this study, parents, grandparents, children and native academic professionals

that live in the Aldeia Buriti were interviewed and contributed with the memories of their childhood. And, a free drawing workshop was carried out, aiming to perceive the representation of playing for the Terena child. The results confirmed the proud that the children have to be Indians, and to actively participate of all the important and meaningful events of the Aldeia, from a game shared with other children up to events that involve all the community. The tranquility and respect that the family has in relation to the time of learning of the child is important for forming of character and for construction of *ethos* Terena.

Keywords: Terena Child. Childhood. Game and Learning.

Considerações Iniciais

A pesquisa sobre a infância vem, nos últimos anos, expressando um significativo aumento, seja na produção de teses e dissertações, quanto na constituição de grupos de pesquisa nacionais e internacionais. A ampliação da produção fez-se acompanhar nas investigações mais recentes de uma distinção terminológica, ou seja, os termos infância e criança, muitas vezes tomados de forma indistinta, vêm sendo mais bem diferenciados.

Para Kulmann e Fernandes (2004), apud Gouveia (2009, p.97) a infância é “a representação que os adultos fazem do período inicial da vida, ou como o próprio período vivido pela criança, o sujeito real que vive esta fase da vida”. Portanto, a história da infância seria a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos, com esta classe de idade e a história da criança seria a história da relação das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e com a sociedade (GOUVEIA, 2009).

Desde o século XVIII, tem-se elaborado um conjunto de saberes sobre a infância, sendo este um conceito disputado entre os diversos campos do conhecimento. A infância ora é uma estrutura universal, constante e característica de todas as sociedades, ora ela é um conceito geracional, uma variável sociológica que se articula à diversidade da vida das crianças, considerando a classe social, o gênero e pertencimento étnico, ou seja, a infância, ora é singular, ora é plural (ABRAMOWICZ, 2011).

Atualmente, existe uma nova concepção sociológica que considera as crianças como participantes de uma rede de relações e, como sujeitos sociais, são capazes de produzir mudanças nos

sistemas nos quais estão inseridas, ou seja, as forças políticas, sociais e econômicas influenciam suas vidas ao mesmo tempo em que as crianças influenciam o cenário político, social e cultural. Neste sentido, a infância é formada por sujeitos ativos, com características diferentes dos adultos. As crianças pertencem a diferentes classes sociais, gênero, espaço geográfico, à etnia e culturas, isto é, são crianças concretas e contextualizadas, são membros de uma sociedade; atuam nas famílias, nas comunidades, em outros espaços, fazem parte do mundo, incorporam-no e, ao mesmo tempo, influenciam-no e criam significados a partir dele (NASCIMENTO, 2011).

Nesta perspectiva insere-se este estudo, cujo olhar volta-se para a criança Terena, sua infância, os sentidos do aprender a ser indígena por meio do brincar e da relação com os adultos, cultura e comunidade.

A pesquisa: contexto e método

O foco da pesquisa centrou-se na Aldeia Buriti, uma das nove aldeias que formam a Terra Indígena Buriti, localizada no município de Dois Irmãos do Buriti, no Estado de Mato Grosso do Sul e teve, por objetivo, investigar os sentidos do aprender a ser indígena da criança Terena por meio das atividades cotidianas, como as brincadeiras, a relação com o ambiente, os ensinamentos repassados pela família e a contribuição da comunidade para o desenvolvimento moral e social dessa criança. A relevância da investigação deveu-se a pouca produção técnico-científica voltada para a criança indígena e, especificamente, da etnia Terena.

Sendo um estudo etnográfico, a pesquisa bibliográfica possibilitou conhecer a história do povo Terena, seu modo de viver em comunidade, em família, a educação das crianças, a relação destas com os pais, os adultos, a cultura, o ambiente, as brincadeiras, enfim, suas aprendizagens a partir das vivências, das experiências, do sentir, do observar e do praticar.

A pesquisa empírica ocorreu por meio das visitas mensais à aldeia Buriti durante o período de dois anos, tempo de vigência do projeto *Memória, percepção e sentidos do aprender dos Terena da Aldeia Buriti: subsídios para uma proposta de etnoeducação*, desenvolvido com recursos da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB e da Fundação de Desenvolvimento, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul/FUNDECT/MS, por

uma equipe multidisciplinarⁱ e interinstitucional de pesquisadores.ⁱⁱ A observação e o convívio com as crianças e familiares nas suas atividades cotidianas, possibilitaram a coleta de dados, ou seja, as entrevistas, bem como a aplicação de uma oficina de desenho livre com as crianças, cujas produções serão apresentadas posteriormente. Também foram entrevistados (03) acadêmicos indígenas da UCDB que contribuíram com suas memórias de infância.

Os Terena: conhecendo um pouco de sua história

Os Terena são povos indígenas pertencentes à família linguística Aruak que, na segunda metade do século XVIII, vieram do Chaco Paraguai para o Brasil, instalando-se, principalmente, no estado de Mato Grosso do Sul. Lutaram junto aos soldados brasileiros em defesa de suas terras na Guerra do Paraguai e ajudaram na construção das linhas telegráficas para ligar o trecho Cuiabá até a fronteira da Bolívia e o Paraguai (CRUZ, 2009).

Até o final do século XVIII, o índio se mantinha através da agricultura, da caça, da pesca e da coleta e, com a mudança e perda do território, essas práticas incluíram o trabalho nas fazendas vizinhas. O dia de trabalho começava com o raiar do sol e a primeira tarefa do dia era acender o fogo fora de casa para o preparo do mate.

De acordo com Silva (1949), em uma roda, todos da casa participavam da refeição repetidas vezes. Logo depois os homens pegavam suas ferramentas e iam para o trabalho. Ao meio dia, quando o sol estava a pino, voltavam para o almoço. Geralmente se alimentavam de arroz, feijão e carne seca e, separadamente, sentavam para comer a refeição. Depois do almoço, faziam a sesta até o sol se apresentar oblíquo, participavam de uma nova rodada de mate e seguiam para o trabalho. Enquanto isso, as mulheres e crianças arrumavam a casa e preparavam o jantar.

Segundo Silva (1949), moravam em casas retangulares, construídas com telhados de duas águas que desciam até próximo do chão; as paredes tinham 1,60 metros de altura e, no centro, três postes sustentavam uma viga central. A cobertura era feita de sapé ou folhas de *acurí*. Os utensílios usados na cozinha para cozinhar, lavar e armazenar os alimentos variavam entre cabaças, potes de barro e cestas.

A vestimenta do dia a dia era um saio que ia da cintura até a altura dos joelhos, chamado de *xiripá*. Quando estavam na guerra, o *xiripá* era mais curto e de cor preta. O cabelo era amarrado e puxado para cima e, para proteger os pés, calçavam alpercatas de couro. Usavam pulseiras e enfeites nas pernas feitos de sementes, contas, dentes ou ossos de animais e metais como o ouro e prata. Nas festas usavam cocares de penas vermelhas e saioes de plumas de ema; as penas de papagaios eram reservadas aos chefes, pois a ave era considerada um chefe também. A pintura corporal, feita com tinta extraída do jenipapo e carvão vegetal, era usada para o mesmo fim que os cocares e saioes (SILVA, 1949).

Afastadas das áreas mais férteis que ocupavam anteriormente, as atuais reservas indígenas Terena constituíram-se, no início do século XX, através de três processos. As de Cachoeirinha, Bananal/Ipegue (TI Taunay e Ipegue) e Lalima eram partes da área indígena anteriormente ocupada pelo grupo. Já em Capitão Vitorino (TI Nioaque), Moreira/Passarinho (TI Pilad Rebuá) e TI Buriti (formada por nove aldeias) foram reagrupados remanescentes Terena vindos de outras regiões. No caso de Aldeinha e União, houve compra de terras pelos próprios índios. Atualmente, os Terena formam a segunda maior população indígena do Estado de Mato Grosso do Sul, aproximadamente em torno de 21.000 de um contingente de 67.574 pessoas (Fonte: SIASI - FUNASA/MS, 30/01/2010).

A Aldeia Buriti é a maior das nove aldeias localizadas na Terra Indígena Buriti. Possui aproximadamente 800 hectares dos 2.090 hectares da área total e em torno de 848 moradores com 221 residências.

A organização social na Aldeia Buriti estrutura-se em troncos familiares divididos em 11 vilas; cada vila tem um nome e o seu líder e, juntamente com o cacique, formam o Conselho Tribal da aldeia. Os líderes dos troncos são, geralmente, pessoas mais velhas e essas são responsáveis pela organização política dentro do próprio tronco e da aldeia. Se o marido falece, a esposa assume o papel de líder do tronco, isso se ela tiver habilidade política. Um irmão ou um filho também podem assumir a liderança de um tronco em duas situações. A primeira é se a esposa não tiver a habilidade política necessária para assumir tal cargo, e a segunda, se a esposa responsável pelo tronco falecer (PEREIRA 2009).

Cada tronco estreita suas relações por uma questão de parentesco e laços consanguíneos, sendo, assim, extremamente importante à manutenção do tronco. Essa organização é mantida

principalmente para delimitar e estabelecer ascendência e ancestralidade. Antigamente, as relações sociais eram estabelecidas por meio dos casamentos, mas, atualmente, a estrutura social dos Terena sofreu modificações devido a fatores históricos e, principalmente, à intervenção do não índio na aldeia.

As atividades de pesca, caça e artesanato são inexistentes na aldeia Buriti devido à falta de matéria prima. Ainda existe a fabricação de colares e cocares com materiais alternativos, mas esses são para uso dos próprios indígenas nos dias de festas. A atividade econômica como a produção agrícola não é suficiente para a manutenção e subsistência das famílias e, por isso, os índios empregam-se nos frigoríficos, fazendas e usinas da região. O governo disponibiliza cestas básicas, aposentadoria e bolsa escola, para ajudar na complementação da renda.

Na aldeia, atualmente, existem práticas religiosas trazidas pelo não índio, como o catolicismo e o protestantismo, sendo a maioria da população católica. Algumas atividades xamânicas são realizadas, mas não são aceitas pelos evangélicos (protestantes). O batismo das crianças, por exemplo, é realizado na igreja católica e, depois, por uma pessoa que desempenha funções religiosas na aldeia. Os evangélicos não aceitam o batismo das crianças pelo pajé, até porque a crença não admite essas práticas (PEREIRA, 2009).

A religião do não índio promoveu mudanças também nas festas e comemorações realizadas na aldeia. A festa católica de São Sebastião é realizada em comemoração ao santo padroeiro da aldeia. A comunidade inteira se mobiliza na realização desta festa, por ser uma promessa que passa de geração a geração, para agradecer ao santo que livrou e protegeu os habitantes de uma peste. As comemorações começam no dia 01 de novembro quando os fuzileirosⁱⁱⁱ, levando a imagem de São Sebastião, começam a visitar as casas de fazendas nas redondezas de Buriti. No dia 01 de janeiro, a procissão entra novamente na aldeia e as famílias visitadas recebem os fuzileiros sempre com muita festa e comida. Finalmente, no dia 19 de janeiro, retornam à igreja e celebram a festa.

Outra comemoração importante na aldeia é o dia do índio. Segundo Cruz (2009, p. 67) “há um cerimonial pátrio, com o hasteamento da bandeira, hino, composição da mesa e discurso das lideranças locais e políticos (prefeito, vereadores), seguidas de atividades esportivas, danças do bate-pau e siputrema, churrasco comunitário e baile”.

As relações culturais e sociais na comunidade Terena de Buriti

Para o Terena, no casamento, o respeito e a fidelidade são atitudes importantes e levadas a sério. Os jovens moradores da aldeia Buriti pensam no casamento como um evento que marca profundamente a trajetória de vida e, por isso, casam-se com mais idade, o que não é muito comum em outras etnias indígenas. Alguns casamentos são marcados com muita antecedência para que todos os preparativos necessários para o grande dia sejam realizados.

Depois do casamento, as cobranças de toda a comunidade e, principalmente, da família não param. O casal agora precisa manter a civilidade e a etiqueta não somente com as pessoas mais próximas, mas com toda a aldeia, sempre respeitando a ordem e as responsabilidades adquiridas com o casamento. A família pouco intervém na vida íntima do casal, mas, se isso for necessário, o diálogo é a maneira mais eficaz e utilizada para conselhos e repreensões.

A cerimônia do casamento mudou com o tempo. Antes, acontecia em cinco etapas e é explicado por Cruz (2009, p. 58) da seguinte maneira:

1. combinações prévias do casamento cabiam aos pais;
2. o noivo era acompanhado à casa da noiva, onde passa a integrar a família da noiva;
3. o tapete de piri ou hituri simboliza o casal;
4. a coleta de mopó, feita pelas famílias dos noivos antes do casamento, simboliza a aliança;
5. o casamento é sancionado pelo pai da noiva.

Ainda hoje, a primeira, segunda e quinta etapas são mantidas; a cerimônia civil é feita no posto da FUNAI e a cerimônia religiosa ocorre na igreja católica ou evangélica, localizada na aldeia. A realização da cerimônia, independente de ser tradicional com todos os rituais e vestimentas adequadas para a ocasião ou, com uma cerimônia religiosa adquirida dos não índios, deve ter sempre o baile com muita música e comida.

Entre o povo Terena, a chegada de uma criança é esperada com muita expectativa. Quando a gravidez é descoberta, a família inteira passa pelo processo de resguardo. A mãe mantém uma alimentação saudável e equilibrada, enquanto os parentes e o pai da criança passam pelo mesmo processo. Segundo Silva (1949), o nascimento *hipuhicoti-hiurá* entre os antigos Terena era

acontecimento de grande importância, cercado de rituais mágicos. Marido e mulher se submetiam a um jejum protetor. A parturiente era assistida pela mãe, *même*, e pela mãe do marido, *imonzê*. No caso de não ser a criança desejada, a mulher dava à luz em lugar afastado da casa.

Para o autor, após o nascimento da criança, o cordão umbilical, *uró*, era cortado pelo marido. O marido sem filho era chamado *imá*; ao nascer o primeiro filho, passava a ser chamado de *huá*. Após o nascimento da criança, o marido ia em busca de palmito de bocaiúva, que se acreditava auxiliar a parturiente na amamentação do filho. O marido ou a própria mulher lavava a criança. A mulher repousava durante seis dias.

Quando o umbigo, *uró*, caía, era guardado para auxiliar os partos difíceis; se uma mulher tivesse alguma dificuldade durante a gravidez ou ao dar a luz, amarrava à cintura um *uró* já ressecado. A criança era carregada às costas pela mãe, em um cesto preso à frente ou ao peito por meio de uma faixa denominada *apoone*. A união da criança com as gerações passadas é feita por meio do nome, escolhido pelos avós, e referente a algum antepassado. As crianças eram amamentadas até idade superior a cinco anos (SILVA, 1949).

Atualmente, toda a família Terena aguarda o nascimento da criança com muita expectativa. E, para seguir as tradições, as simpatias são feitas para saber o sexo do bebê, entre elas, a simpatia da galinha e da tesoura. Segundo a acadêmica indígena do curso de Pedagogia/UCDB, Angelina Alcântara Mamedes, moradora da Aldeia Buriti, essas simpatias são feitas da seguinte maneira:

A simpatia da galinha é feita pela avó da criança que mata a galinha e vê o lado para onde o pescoço vira, se for para o lado onde o sol nasce, a criança vai ser menino, se for para o outro lado será menina. A simpatia do garfo é feita pela avó também e ela tem que virar a ponta do garfo para cima e jogar no chão. Se a ponta cair para cima a criança vai ser menino e se cair para baixo vai ser menina (Acadêmica do Curso de Pedagogia).

A forma como as crianças nascem mudou um pouco. Antigamente as mães tinham seus filhos em casa com a ajuda da parteira. Hoje, a cesárea é mais frequente que o parto normal e o resguardo não é mais praticado de acordo com a cultura indígena, pois os avanços da medicina nas aldeias possibilitaram melhores condições de atendimento à saúde das crianças.

Do nascimento até a criança obter maior independência, a presença e o acompanhamento da mãe são importantíssimos para o desenvolvimento da linguagem, da coordenação motora e do comportamento moral e social da criança. Apesar de toda a comunidade estar preocupada com o desenvolvimento dessa criança, é a mãe que passa a maior parte de seu tempo ao lado do filho, para que ele se desenvolva por meio da experiência e do 'aprender fazendo' tudo ou, pelo menos, boa parte daquilo de que ele necessitará para sua vida mais tarde. O pai possui papel secundário neste primeiro momento da vida da criança; no entanto, ele será o maior responsável pela educação dos meninos quando estes forem mais velhos. É o pai que ensina a pesca, a caça e educa os meninos para a responsabilidade de cuidar das mulheres da casa (LIMA, 2008).

Os demais membros da comunidade assumem as crianças com papéis secundários de tios, avós, primos mais velhos que se responsabilizam pelos cuidados de educar por meio do exemplo em todos os espaços da aldeia. É comum observar-se, dentro da aldeias Terena, 'as mães de leite', que assumem, em determinados momentos, o filho de irmãs, primas, quando estas são impedidas de exercerem o papel de mãe por vários motivos, tais como um problema biológico ou fatores externos alheios à sua vontade (LIMA, 2008, p. 82).

Segundo Berger e Luckmann, apud Lima (2008), é através da socialização primária que a comunidade indígena cria na consciência da criança a abstração progressiva dos papéis e das atitudes particulares dos outros para papéis e atitudes em geral. Por meio das pessoas que têm significado para elas (pai, mãe, avós, tios, primos), as crianças aprendem valores e atitudes que são importantes para a sua formação. Essas características levam-nas a se reconhecerem e, ao mesmo tempo, serem reconhecidas como membros desta ou daquela comunidade.

Os sentidos do aprender a ser indígena e o viver a infância da criança Terena

Cada povo possui e preserva sua história, mantendo uma identidade própria que o identifica. Essa identidade no povo Terena está estritamente ligada às formas de organização, ensino/aprendizagem e comportamentos tidos como fundamentais para a manutenção do *ethos*^{iv} Terena. Por isso é necessário prezar

algumas atitudes no casamento, no convívio familiar, nos cargos políticos e nos relacionamentos com os não índios e fazer dessas atitudes a diferença positiva para o exemplo e experiência de outras gerações. Segundo Pereira (2009, p. 85):

Os Terena cultivam com dedicação e refinado interesse alguns atributos consideráveis imprescindíveis às figurações sociais de seus troncos e aldeias. Esses atributos dizem respeito a determinadas atitudes comportamentais e disposição para a sociabilidade. Numa perspectiva mais distanciada, seria razoável propor que tais atributos são aprendidos como co-extensivos à própria condição de humanidade, segundo a concepção que ela recebe na formação social Terena.

O convívio familiar também revela uma importante parte da identidade Terena, e este é estimulado principalmente nos afazeres domésticos, na participação com os preparativos das festas e no diálogo com os pais. O respeito aos mais velhos e o ‘saber ouvir para aprender’, é atitude fundamental na educação das crianças que, desde pequenas, aprendem que a experiência adquirida com as pessoas mais velhas servirá para a vida toda.

A família participa ativamente na educação social e moral da criança indígena. O fazer, o brincar e o viver são ações presentes no cotidiano da infância Terena. A liberdade para a criança indígena é importante porque, através da experiência adquirida por essa liberdade, as noções sociais e morais serão construídas ao longo da vida. Mas sempre a liberdade é supervisionada pela mãe ou por outro adulto da família. Cruz (2009, p.145) observou em sua pesquisa que “a criança da Aldeia Buriti transita por vários lugares da aldeia e explora seu ambiente desde muito pequena”.

A autora ainda acrescenta que, para a família, a educação é primordial na vida das crianças e todos os integrantes dela colaboram, mantendo o diálogo sempre. As correções são feitas por meio de longas conversas, e o uso da força jamais é usado. Para o Terena o ‘ouvir para aprender’ é constante na educação e ouvir os mais experientes é fundamental na aprendizagem. Para isso as crianças são ensinadas desde cedo a respeitar e a obedecer os mais velhos.

A maneira como a família Terena ensina possibilita às crianças aprenderem a cooperar em todos os lugares onde elas estão. Os pais esperam que cada ensinamento seja vivenciado e praticado dentro e fora da aldeia. O ensino com os cuidados da casa, o auxílio na preparação das festas, tudo é feito e dividido, de

acordo com a idade e habilidades das crianças. A coletividade é marca dos Terena. Um sempre ajuda o outro, independente da situação financeira ou do reconhecimento dessa ajuda mais tarde, até porque o reconhecimento virá sem dúvida.

Na cultura Terena, a comunidade exerce papel fundamental na transmissão de saberes tradicionais, pois possui sabedoria para ser comunicada e transmitida por seus membros, que contribuem na formação da identidade de todos. Na aldeia a aprendizagem acontece a todo momento, em qualquer lugar e em qualquer tipo de relação social (LIMA, 2008).

Cruz (2009, p. 146) mostra claramente como o Terena percebe a criança:

Geralmente, o indígena considera cada criança um espírito único, com seus talentos próprios a oferecer ao seu grupo. Para os Terena da Buriti as crianças são seres muito especiais, oferecem carinho e atenção, o que favorece a possibilidade de se constituírem em autoconfiança.

A população Terena aprende e ensina seu mundo para as suas crianças. É nas relações sociais que são elaborados e expressos os novos conhecimentos e se faz essa reflexão sobre o mundo ao seu redor, ao mesmo tempo em que são vivenciados os processos de ensino-aprendizagem como fonte inesgotável de experiências (LIMA, 2008).

Na aldeia, não há um grupo ou uma instituição responsável para a transmissão dos saberes tradicionais. Todo conhecimento deve ser compartilhado no momento apropriado, respeitando a idade de cada um. Assim, na comunidade, as meninas costumam saber sobre a menstruação no dia em que esta ocorre; não há relato sobre a menarca entre as meninas, pois a responsabilidade de informar sobre o que ocorre é da mãe ou da avó materna e, na ausência dessas, por uma parenta mais próxima.

O aprender fazendo é a principal característica da educação Terena, constituída de muita paciência; é através desse ato que o pai ensina o filho como deve proceder, de maneira detalhada, num vai e vem de repetições, dando condições à criança de obter a melhor aprendizagem. O tempo dos adultos dispensado para a criança indígena é muito valoroso, não existe pressa para terminar as atividades, e os adultos sempre estão dispostos a repetir o que se está ensinando por muitas vezes, até mesmo porque todas as atividades que devem ser aprendidas possuem uma aplicabilidade na vida diária: o cuidado com a criação, pegar a galinha para a

refeição, colher milho, debulhar, separar a palha, descascar a mandioca, arrancar a mandioca. São atividades que se aprendem brincando diariamente.

O respeito pelos idosos da aldeia, atribuído aos longos anos de vida e ao saber adquirido, faz com que os mais jovens carreguem dentro de si valores da cultura indígena Terena. A confiança estabelecida contribui para que as ordens sejam aceitas, recebidas e ouvidas como conselhos, processo esse que acontece com todos da aldeia, independente da idade. Caso uma pessoa mais velha perceba uma atitude inadequada de uma pessoa mais jovem, imediata e oralmente chama sua atenção, pois o indígena aprende que o aconselhamento passa necessariamente por outra pessoa da comunidade, com a qual ele compartilha a sua história e o seu tempo social.

O brincar da criança Terena

O brincar é fundamental para o desenvolvimento. É a principal atividade das crianças quando não estão dedicadas às suas necessidades de sobrevivência (repouso, alimentação, etc.). Brincar é envolvente, interessante e informativo. Envolvente porque coloca a criança em um contexto de interação em que suas atividades físicas e fantasiosas, bem como os objetos que servem de projeção ou suporte delas, fazem parte de um mesmo contínuo topológico; interessante porque canaliza, orienta, organiza as energias da criança, dando-lhes forma de atividade ou ocupação e informativo porque, nesse contexto, ela pode aprender sobre as características dos objetos, os conteúdos pensados ou imaginados (MACEDO, 2005).

Na perspectiva da criança, brinca-se pelo prazer de brincar; no brincar, objetivos, meios e resultados tornam-se indissociáveis e enredam a criança em uma atividade prazerosa por si mesma, pelo que proporciona no momento de sua realização.

O brincar é sério, uma vez que pressupõe atenção e concentração. Atenção no sentido de que envolve muitos aspectos interrelacionados, e concentração no sentido de que requer um foco, mesmo que fugidio, para motivar as brincadeiras. O brincar pressupõe também disponibilidade, já que as coisas mais importantes da vida da criança – o espaço, o tempo, seu corpo, seus conhecimentos, suas relações com pessoas, objetivos e

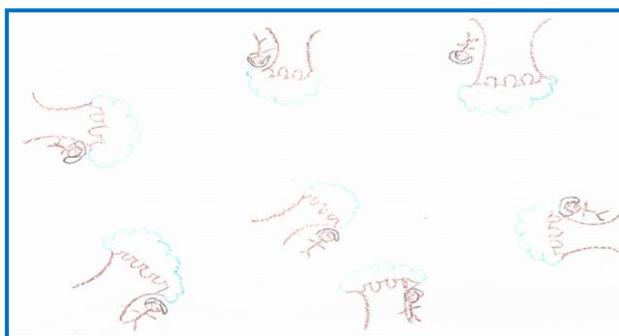
atividades – são oferecidas em uma situação na qual ela, quase sempre, é a única protagonista, a responsável pelas ações e fantasias que compõem essa atividade (MACEDO, 2005).

São diversas as formas de brincar da criança Terena. O acadêmico indígena do curso de Administração/UCDB, Osmany Bernardo Farias, também morador da Aldeia Buriti conta que:

As crianças costumam brincar no espaço fora de casa com areia, jogam queimada, bate-ombro. Costumam brincar de ‘bicho’, quando pulam nas árvores de galho em galho e futebol. As meninas brincam juntas com os meninos, não há separação de brincadeiras por gênero. Apesar de hoje as crianças brincarem com carrinho e brinquedos industrializados, não deixaram de brincar com brincadeiras antigas. Antigamente faziam brinquedos com madeira de paineira e vaquinha de manga verde. (Acadêmico do Curso de Administração)

No período da infância, as brincadeiras assumem um papel importante, pois as atividades que sempre estão ligadas a um sentido real possibilitarão os ensinamentos dos conteúdos que ensinarão as crianças para a vida toda. A partir da observação realizada durante as visitas à aldeia, constatou-se que as brincadeiras preferidas das crianças Terena são o futebol, a flor, brincar de bicho (pular de galho em galho nas árvores da aldeia), queimada e com areia. Esta preferência foi evidenciada na oficina de desenho livre, aplicada em uma das visitas com um grupo de crianças de 5 a 12 anos, cuja proposta era desenhar a brincadeira de que mais gostavam. Foram disponibilizados giz cera e papel e os desenhos abaixo ilustram a representação do brincar para a criança Terena.

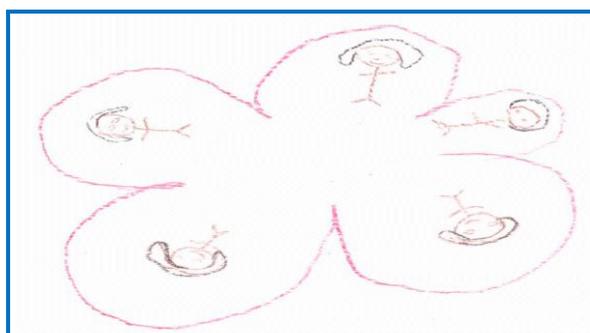
Figura 01 – Desenho da brincadeira do “brincar de bicho” de uma criança de 9 anos



Fonte: arquivo das autoras

Geralmente, todas as crianças brincam juntas. As meninas brincam com os meninos nas mesmas brincadeiras. Outra brincadeira praticada pelas crianças é a da flor.

Figura 02 – Desenho da brincadeira da ‘flor’ de uma criança de 7 anos

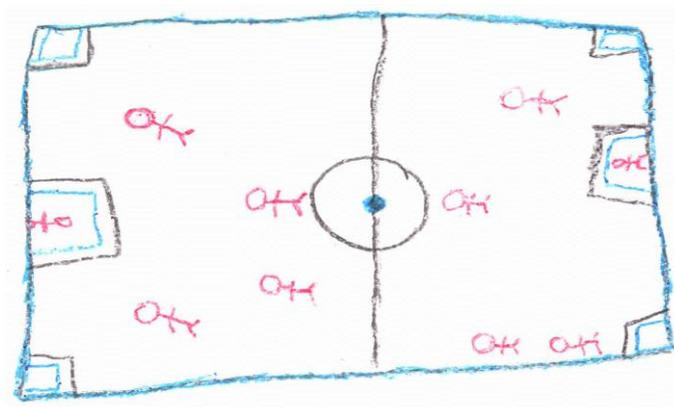


Fonte: arquivo das autoras

Para brincar é necessário apenas um pedaço de galho de árvore para desenhar na areia e um grão de milho. A brincadeira começa quando uma flor é desenhada no chão com a quantidade de pétalas correspondente ao número de participantes. Em cada pétala um número é colocado, como por exemplo, os números 7, 10, 21, 42, 50, 70 e 100. O centro da flor (miolo) fica reservado para a brincadeira começar. Por sorteio, que é feito com o grão de milho, um número é escolhido. O jogador que estiver na pétala do número sorteado deve ir para o centro da flor e gritar *stop*, enquanto os demais participantes correm para lados opostos. Quando a palavra *stop* é ouvida, todos os outros que correram devem parar e virar ‘estátuas’. Então, o participante que está no centro da flor, em três passos longos, deve encostar em alguém. Se conseguir, a pessoa tocada recebe um ‘X’ no número, se acumular três ‘X’, estará fora da brincadeira. O vencedor será aquele que ficar por último.

Outra atividade que envolve crianças e adultos é o futebol, que é jogado no dia-a-dia e também nas festividades e torneios intervalas quando a comunidade reúne-se para torcer por times masculinos e femininos.

Figura 03 – Desenho de uma “partida de futebol” de uma criança de 10 anos.



Fonte: arquivo das autoras

Durante as visitas à aldeia, observou-se que as crianças brincam todas juntas e sempre as mesmas brincadeiras. É muito raro observar uma criança isolada do grupo fazendo outra atividade. Sempre ativas, alegres, brincam correndo pelas árvores, explorando cada espaço da vila em que moram.

Em uma das longas conversas com a Dona Veriana (68 anos), tronco da Vila Tarumã, ela afirmou que as crianças brincam hoje de forma diferente do passado. Quando era criança, costumava brincar com as meninas de boneca feita de sabugo de milho. As brincadeiras eram divididas por gênero e jamais essa divisão era desrespeitada. Os meninos brincavam longe das meninas e as meninas mantinham essa distância, diferentemente do que acontece hoje, onde todas as crianças brincam juntas e com brincadeiras mais ativas. Ela ressalta, ainda, a influência da televisão nas brincadeiras das crianças e, principalmente, no comportamento coletivo que sofreu alterações.

Embora os brinquedos e brincadeiras tenham mudado, as brincadeiras antigas não deixaram de ter sua importância na vida das crianças. Apesar da existência do computador, vídeo game e outros tipos de brinquedos, as crianças indígenas não passaram a ser individualistas a ponto de permanecerem dentro de casa somente com o uso desses aparelhos. E quando há brincadeiras desse tipo, as crianças convidam seus amigos para brincarem também e todos se divertem juntos.

Considerações finais

Cada criança, independente de raça, cor ou etnia produz seu lugar na infância (SARMENTO, 2009). Brincar, criar, pensar, pintar é próprio de toda criança, cada uma de acordo com sua cultura e poderes aquisitivos.

Para os Terena, os ensinamentos que transmitem às crianças perpassam principalmente pelo núcleo familiar. É de responsabilidade do grupo familiar a apresentação de valores étnicos, como o respeito mútuo, a solidariedade, o costume de 'dar a benção'. Estas aprendizagens, de responsabilidade da comunidade como um todo, são repassadas por meio da oralidade, comunicando e perpetuando a herança cultural de geração para geração. Uma das características deste processo educacional é a observação. Na aldeia não são ditas muitas palavras para ensinar ou aprender; o olhar é a principal manifestação do amplo código social através do qual acontece o processo educativo dos indivíduos (COHN apud LIMA, 2008).

Assim, a integração dos membros mais experientes com os menos experientes dá-se de forma prazerosa, e as condutas, as regras sociais, as maneiras de cultivar a roça se dão através do diálogo e do exemplo, pois é ao longo do processo interativo que as crianças começam a desempenhar suas atividades sob orientação e guias de outros e, paulatinamente, aprendem a resolvê-las de forma independente.

Nas atividades diárias, as responsabilidades são divididas conforme a necessidade de cada uma das famílias, que mutuamente se ajudam, seja no cuidado com os filhos, seja na solidariedade da troca. O coletivo é a marca registrada da comunidade Terena, que não tem como mais importante o poder aquisitivo, mas, sim, a coletividade e solidariedade para com os outros membros.

Neste ambiente, as brincadeiras assumem um papel significativo para as crianças indígenas, pois é por meio delas que aprendem conteúdos que serão usados para a vida toda, entendendo que essas atividades estão sempre ligadas a um sentido real, utilitário.

Desta forma, a criança indígena constrói sua identidade no foco da socialização; a cultura é ensinada e aprendida por meio de conversas, da transmissão oral de todo o repertório cultural do grupo, através de gestos e atitudes que as crianças observam e dos

quais compartilham.

Referências

- ABRAMOWICZ, Anete. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, Ana Lucia Goulart e FINCO, Daniela.(Org.). *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- CRUZ, Simone de Figueiredo. *A criança Terena: o diálogo entre a Educação indígena e a Educação escolar na aldeia Buriti*. 2009. 191p. Dissertação de Mestrado em Educação. UCDB.
- GOUVEA, Maria Cristina Soares de. A escrita da história da infância: periodização e fontes. In: SARMENTO, Manuel, GOUVEA, Maria Cristina Soares de. *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- LIMA, Eliane Gonçalves de. *A pedagogia Terena e a criança do PIN Nioaque: As relações entre família, comunidade e escola*. 2008. Dissertação de Mestrado em Educação, UCDB.
- MACEDO, Lino de; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. *Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar*. Porto alegre: Artmed, 2005.
- NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedroso. Reconhecimento da Sociologia da Infância como área de conhecimento e campo de pesquisa: algumas considerações. In: FARIA, Ana Lucia Goulart e FINCO, Daniela.(Org.). *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- PEREIRA, Levi Marques. *Os Terena de Buriti: formas organizacionais, territorialização e representação da identidade étnica*. Dourados – MS: Editora da UFGD, 2009.
- SARMENTO, Manuel, GOUVEA, Maria Cristina Soares de. *Estudos da Infância: educação e práticas sociais*. 2.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- SILVA, Fernando Altenfelder. *Mudança cultural dos Terena*. Revista do Museu Paulista. São Paulo, 1949.

NOTAS:

ⁱ Dois pesquisadores são formados em Pedagogia, dois em História, um em Biologia e outro em Geografia.

ⁱⁱ Três pesquisadores são da Universidade Católica Dom Bosco/UCDB e os outros três são da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS.

ⁱⁱⁱ Segundo Cruz (2009, p. 65) fuzileiros “é um grupo de índios Terena, moradores da aldeia, que cantam o hino de São Sebastião acompanhado de violão e caixa para fazer o cortejo da passagem do santo de uma casa para outra”.

^{iv} De acordo com Pereira (2009, p.83), o ethos Terena seria articulado a partir de uma concepção muito particular da condição humana, identificada a certos parâmetros de conduta, agrupados sob o rótulo geral de civilidade.

Sobre as autoras:

Marta Regina Brostolin possui Doutorado em Desenvolvimento Local pela Universidade Complutense de Madri (2005), Mestrado em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco (1998), É professora da graduação nos cursos de licenciatura nas disciplinas de fundamentos de educação e integra o corpo docente do Programa de Pós-graduação em Educação: Mestrado e Doutorado, da Universidade Católica Dom Bosco.

Evelyn Aline da Costa de Oliveira é formada em Pedagogia. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado e Doutorado da UCDB

Recebido em: 15/08/2012

Aprovado em: 30/10/2013